

A ESPECULAÇÃO DAS CORES

Esperança Cardeira

Alina Villalva

João Paulo Silvestre

A produção da cor sofreu significativas alterações, quer no que diz respeito aos pigmentos, substâncias e instrumentos utilizados, quer em relação aos próprios processos de fabrico. Paralelamente, os nomes das cores também sofreram modificações: se alguns se conservaram, também se introduziram novas designações e outras mudaram. O resultado dessas mudanças é que aos olhos de um observador atual, muitas das antigas designações se tornaram completamente opacas.

Cada língua elaborou o seu próprio elenco de nomes de cores e esse elenco tem, em cada língua, uma história singular. Por isso, tal como em qualquer outro plano de análise linguística, estudar o léxico que designa as cores implica observar a variação entre formas e a seleção de algumas em prejuízo de outras. Acresce que o estudo do léxico da cor coloca problemas específicos, já que não são apenas os nomes das cores que variam no tempo: é provável que a própria perceção das cores que os nomes designam tenha mudado. Se a distinção entre cores corresponder a um espectro dinâmico que foi, em épocas distintas, preenchido por diferentes nomes, então as cores que os nomes designam nem sempre foram aquelas a que atualmente se referem. E se é certo que a perceção das cores varia de pessoa para pessoa, também é certo que varia de sistema linguístico para sistema linguístico. Compreender essa variação na sincronia não é fácil; na diacronia torna-se ainda mais complicado.

Inventários de cores

No mais antigo testemunho produzido em Portugal sobre o processo de fabrico de cores, o *Livro de como se fazem as cores*, de Abraão B. Judah Ibn Hayyim, 1262 (?)¹, encontramos uma lista das cores ‘principais’ (fl. 15r):

sabe ke des sao as kores principais azul. oripimento e vermelyon. verde. karmen. çufiy.
katasol. açafrao. azarkon. alvayalde. brasil.

A distinção entre cores primárias e secundárias fica patente quando, mais adiante, encontramos referências à forma de misturar as cores (fl.18v):

si kiseires fazer okre toma do bermelyo destenperando kuantto kiseres e mezkra-o kon galde.

Em 1615, Filipe Nunes, em *Arte da Pintura, Symmetria e Perspectiva*, fala de ‘tintas’, não deixando clara a distinção entre cores e pigmentos:

¹ O *livro de como se fazem as cores* (Parma ms. 1959) é um manuscrito em aljamia hebraica não datado mas seguramente anterior à expulsão dos judeus de Portugal, com características linguísticas dos séculos XIII-XIV, em cópia do século XV (a discussão sobre a datação da língua e os exemplos da camada linguística mais antiga encontram-se em Castro 2010). A recente edição de Strolovitch (2005) fornece uma transcrição fiável.

As tintas que se usão a oleo, são estas: Alwayade, Vermelhão, Verdete, Zarcão, Sinopera, Genolim, ou como outros dizem Machim, Masicote, Sombra de Cintra, ou de Osso queimado, Cinzas, Ocre claro, Esmalte, Ocre escuro, Lacra, Cochonilha, Preto de Flandres, ou Carmim, Verdacho, Terra Roxa, Almagra, Jalde. Todas estas se moem na pedra, salvo os Azuis que são delgados, que na paleta com o oleo se concertão. Depois de moídas pára estarem frescas, para em todo tempo se lavrarem, se porão na agoa em suas vieiras cobertas com papel o Alwayade, Zarcão, Maficote, Vermelhão, as outras se cobrirão muito bem, porque lhes não entre pó.

E, mais adiante, refere:

As tintas, que servem, e são melhores, são as seguintes: Branco Genuisco; Vermelhão, o de severa mais comprida, he o melhor; Verde Terra; Verde Montanha, he hum Verde azulado, mais delgado que o Verde Terra; Azul de Cabeça; Cinzas, tambem Azul; Ocre claro; Lacra; Verde Bexiga; Ocre escuro; Catasol; Anil; Basil; Jenolim, ou Masicote; Bollo Armenico; Zarquão, em torroens he o melhor; Ferrugem; Maquim; Sinopera; Carmim.

Aparentemente, uma ‘tinta’ pode ter mais do que uma designação (*Genolim, ou como outros dizem Maquim*). Algumas designações são-nos familiares mas outras necessitam decodificação para serem entendidas por um leitor atual (o que será um *verde bexiga?*). Alguns nomes desapareceram mas, mesmo os que se conservaram podem ter mudado de significado. Para os decodificarmos precisaríamos de aceder a inventários, que são escassos e, como estamos a ver, muito pouco esclarecedores, talvez porque neles os nomes de cores são referidos em contextos de discurso terminológico para iniciados, que dispensa uma descrição das correspondências.

Cerca de um século depois de Nunes, o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) de Bluteau afirma:

Dividemse as cores em simples, & meyas, ou mixtas. As cores simples são cinco, a saber, Branco, Amarello, Vermelho, Azul, & Negro. Destas cores simples, igualmente misturadas, nascem outras tres especies de cores, a que chamaõ meyas, ou mixtas, ou compostas. Da cor amarella, & vermelha nasce a cor de ouro; da cor vermelha, & azul, a cor roxa; & da cor azul, & amarella, a cor verde.

E explicita a diferença entre “cor em geral” e “cor subalterna”:

Para Pintores cada cor em geral, tem outras cores subalternas; para cor branca, tem Alwayade commum, Alwayade Genovisco, & Alwayade de Escalha, que he o melhor, & c. A cor negra dos Pintores he Maquim escuro, Sombra de Colonia, Sombra de Cintra, Negro de Carvão, Negro de Lapis, & c. Tem os mesmos para cor vermelha, Vermelhão, Almagra, Azarcão, Lacra, Sinopla, Roxo-terra, Cochonilha, & c. A sua cor amarella he Ocre claro, Ocre dourado, Ocre escuro, Macicote claro, Macicote dourado, jalde, Açafrão, & c. A sua cor verde, he Verdete, Verde montanha, Verdaxo, Cinzas verdes, Verde bexiga, & c. A sua cor azul, he Azul de Sevilha, Esmalte, Anil, & c.

O caso do amarelo

Um nome de cor que ocorre tanto no *Livro de como se fazem as cores* (“si kiseires fazer okre toma do bermelyo destenperando kuinto kiseres e mezkra-o kon galde”), como em Nunes (“Verdacho, Terra Roxa, Almagra, Jalde”) e em Bluteau (“A sua cor amarella he Ocre claro, Ocre dourado, Ocre escuro, Macicote claro, Macicote dourado, jalde, Açafrão”), é jalde; a cor *amarela*, por outro lado, só se encontra em Bluteau.

Ora, se compararmos as designações da cor *amarela* em várias línguas românicas, percebemos que há dois grupos:

| latim | português | castelhano | francês | italiano | romeno |
|------------------------------|-----------|------------|------------------|----------|--------|
| amarellus (AMARUS) | amarelo | amarillo | | | |
| galbinus (germ.) | | | jaune (jalne) | giallo | galben |

O francês antigo *jalne* está atestado desde o século XII. Tem origem na latinização de uma forma germânica, *galbinus*, que designava uma tonalidade clara de verde. *Amarelo*, por outro lado, terá origem num latim hispânico *amarellus*, também atestado, pelo menos, desde o século XII². Quer isto dizer que em português e em castelhano nunca existiu uma forma proveniente de *galbinus*? Na verdade, ela está atestada nas línguas ibéricas desde o século XIV, com as variantes *jalde* e *jalne*, na *Crónica Troiana*³:

hua sopultura muy rrica et muy fremosa de mármor gotado, jalde et uerde, en que o deytarõ.

os muros erã de mármor jalne et negra et uermella

e na *História Troiana*⁴, quer na secção galega, quer na castelhana:

tórnanse jalde os teus carros por meu nome [e] por meu encantamento, [e] faço amarelescer o colorado porlos meus beniños (fl. 13va);

Mentre durou esta trégoa os mēestres fezerom hũa obra moi nobre e moi maravillosa de hun mármore moi meúda, gotada e jalde e cárdea e índea e viz (fl. 172vc);

os muros dela eran moi fortes e moito altos et non de tápea, ante eram de mármore jalde e negro e vermello e vis, et luzíam moi bem quando o sol fería em eles (fl. 176va);

E el rey Príamos fízolo soterrar a Casibellán, su fijo, mucho o[n]radamente en un monumento de mármol jalde (fl. 76va);

E Antenor e Polidamas le fizieron una sepultura muy rica e muy fermosa de mármol gotada verde e jalde en que lo echaron (fl.196rc).

É possível que *jalde/jalne* tenha entrado na Península Ibérica através de traduções do francês⁵, como é o caso do *Ciclo Troiano*, mas regista-se, também, em obras como a *General Histórida*⁶:

as suas vestiduras de duas cores, que a agoa tantas ha proprias, de jalde et de verde

Acontece que *amarelo* também ocorre, para designar uma cor, quer na *Cronica Troiana*,

auja os cabelos moy longos et amarelos que semellauan ouro

quer na *História Troiana*,

² *Amarellus* está atestado em 919; *amarillo* em 1074 (COROMINAS 1990⁵, s. v. *amarillo*).

³ Exemplos retirados do *Dicionário de dicionários do galego medieval - Corpus lexicográfico medieval da lingua galega*.

⁴ Ed. Pichel (2013).

⁵ As formas do italiano e do provençal têm origem provável no *jalne* do francês antigo (BLOCH e WARTBURG 1950, s. v. *jaune*).

⁶ Exemplos retirados do *Dicionário de dicionários do galego medieval - Corpus lexicográfico medieval da lingua galega*.

Et fezêromno hũus encatadores de terra de Índea por *tan gran mēestria que* sete vezes emmo día se tornava de outras colores moi diversas, ca el parecia hũa vez *tan vermello* como a rosa, outra vez parecia *tan blanco* como a frol de lis, outra vez amarelo, outra vez índeo, outra vez preto, outra vez color de ceo, outra vez mezcladura *tan fermosa que gran maravilla* era (fl.98ra).

A *Cronica Troiana* regista, paralelamente à “cor de ouro dos cabelos”, uma aceção diferente, ‘palidez’:

cõ grã saña que ouue, cõmeçou a descolorar, et tornar amarelo cõmo a çera, et tremer muy fortemente;
fuj dar a seu padre Vlixas tã grã ferida que logo caeu en terra amarelo et todo banado en sange

Parece, portanto, que se trata de conceitos diversos: *jalde* e *amarelo* designam cores diferentes: enquanto *jalde* remete para uma tonalidade viva e luminosa (“os muros eram de mármore *jalde* et luzíam moi bem quando o sol fería em eles”), *amarelo* refere-se a uma tonalidade pálida, ‘esmorecida’, como se deduz da descrição da *História Troiana*:

quando vío a Jaasón soo pelear con tantos enamigos amarelesceulle a cara a esa ora e asentouse como esmorícida (fl. 11rb).

A relação entre o latim hispânico *amarellus* e *amaricus* justifica esta aceção de ‘palidez doentia’, através da ideia de ‘doença da bília’, ‘humor amargo’. Ora, se *jalne* designava sempre – e apenas – a cor em si, e *amarelo* podia ter mais de uma aceção (cor/palidez), uma hipótese que podemos colocar é que a forma *amarelo*, precisamente por ser mais abrangente e, logo, mais frequente, tenha sido selecionada, eliminando, progressivamente, *jalne*. Certo é que a partir do século XIV surgem as formas *amarelecer*, *amarelidão*, *amarelecimento*, *amarelado*, *amarelejar* (MACHADO 1977; CUNHA 1986; HOUAISS 2001, s.v. *amarelo*); *jalne*, por outro lado, não deixa descendentes.

O caso do castanho

Voltemos, agora, aos inventários de cores do *Livro de como se fazem as cores*, de Nunes (1615), e de Bluteau (1712-1728). Falta, em todos eles, o *castanho*. A designação aparece, no entanto, com entrada própria em Bluteau:

castanho. Cousa de cor semelhante à cor da castanha. Ex rutilo nigrescens. Nas suas exercitaçoens sobre Solino, observa Salmacio, que os Escritores de baixa latinidade tem dito Castaninus, & em alguns Diccionarios se acha Castaneus. Mas hum, & outro termo he barbaro.

e na explicitação da cor de uma certa espécie de cavalo:

Cavallo andrino, he o que tem a cor, que se mostra nas costas da andorinha. Equus hironidino tergori concoloris. (Os pesenhos, & Andrinos os tenho por boas cores. Galvão tratado da Gineta, pag. 98);
He no cavallo huma cor de castanho, que tira à cor das ameixas, que em Castelhana se chamaõ Andrinhas, donde se deriva o nome.(Sahio pezenho, e Andrino por não saberem bem a especulação das cores. Galvão, Tratado da Gineta, fol. 37).

Aparentemente, o nome *castanho* designa, indistintamente, uma cor semelhante quer à cor da castanha quer à da ameixa. A que se deve esta indistinção? Ao facto de “não saberem bem a especulação das cores”?

Vejamos o que encontramos quando procuramos nos dicionários⁷. O primeiro dicionário em que podemos encontrar referências a nomes de cores, de Jerónimo Cardoso, data de 1570 e foi elaborado tomando como referência a obra de Nebrija (de 1555). O dicionário de Nebrija tem nova edição em 1578 e é esta nova edição que vai servir de base ao dicionário de Agostinho Barbosa, em 1611.

Se para Nebrija *ravus* corresponde a *castanho*, já para Cardoso *ravus color* é uma “cor entre morada & verde”. Barbosa, uns anos depois, refere, além da planta, a cor: “Castanha. Castanea. Castanheiro que dá castanhas. Castanha cor. Color castaneus. Castanho escuro. Ravus color; Cor castanha, ou morada. Color ravus, Color ferrugineus. Vel color castaneus”. Parece haver aqui uma associação entre a cor *castanha*, o *morado* (a cor das ameixas de Bluteau?) e o *verde*. Na verdade, a entrada no dicionário de Cardoso para *morado* remete precisamente para castanho: “Morado, i. cor morado. Color ferrugineus. Color castaneus”. Portanto, quando comparamos as definições dos vários dicionários, encontramos uma mancha de cores que parece uma gradação: do *verde*, ao *castanho* ou *morado negro*. Não fica aqui nada clara a distinção entre o *morado* e o *castanho*, apresentados como sinónimos e identificados com a cor da ferrugem, como se vê no quadro seguinte, que apresenta a tradução das formas latinas RAVUS, FERRUGINEUS e CASTANEUS nestes dicionários.

| | NEBRIJA, 1555 | CARDOSO, 1570 | NEBRIJA, 1578 | BARBOSA, 1611 |
|--------------------|-----------------------------|--|-----------------------------|--|
| ravus | color entre garço y castaño | Cor entre morada & verde . | color entre garço y castaño | Cor castanha, ou morada . ferrugineus. Vel color castaneus. |
| ferrugineus | | A cor morada. ou ferrugem . | color morado negro | Cor castanha, ou morada . Color ravus. Vel color castaneus. |
| castaneus | | | | Cor castanha, ou morada . Color ravus. Color ferrugineus. |

Convém lembrar que estamos perante dicionários em que as formas vernáculas traduzem formas latinas (e vice-versa); interessa, por isso, registar as diversas propostas de tradução:

| | | | |
|---|----------|--------------------|-----------------------------|
| thalassinus viridis herbidus venetus ravus | verde | ravus | verde morado castanho |
| amethystinus ravus ferrugineus castaneus | morado | ferrugineus | morado castanho |
| ravus ferrugineus castaneus | castanho | castaneus | morado castanho |

⁷ Pesquisa no *Corpus Lexicográfico do Português*.

Este quadro-síntese mostra que a cada cor correspondem várias formas latinas (ou latinizantes) e que a uma forma latina podem corresponder diferentes cores. Por exemplo, a *thalassinus*, *viridis*, *herbidus*, *venetus* e *ravus* corresponde *verde* mas *ravus* também é traduzido por *morado* e por *castanho*, além de *verde*. Parece bizarro, não tanto o facto de cada cor corresponder a várias ‘traduções’, porque essa multiplicidade pode refletir variações tonais (a cor do mar, das ervas, etc.) mas principalmente o facto de uma mesma designação corresponder a cores diferentes (por exemplo, *ravus* é *verde*, é *morado* e é *castanho*).

É plausível imaginar que o dicionarista se sentia compelido a encontrar uma tradução vernácula para todas as formas latinas e uma correspondência latina para cada forma vernácula mas, também, que estas ‘traduções’ não tinham que ser, necessariamente, unívocas. As possibilidades de tradução constituíam um leque alargado, dependente do contexto, e o desejo de traduzir as formas latinas resultava na criação de novas formas vernáculas; podem, assim, surgir novos nomes de cores, que nem sempre correspondem a uma necessidade real.

A indistinação entre *verde*⁸, *morado*⁹ e *castanho*, por seu turno, parece natural, já que o castanho resulta da mistura do verde com o vermelho e que a designação *castanho* pode, na natureza, referir-se a uma zona cromática que acompanha o crescimento das plantas, do verde ao vermelho escuro e ao castanho. O adjetivo *verde*, como designação para a cor, ocorre já no século X em textos latinos e no XIII em documentação em português; *morado* desde o século XIV; *castanho* e *castanha*, por outro lado, embora se registem como substantivos desde o século XIII (designando o castanheiro, a madeira ou o fruto), como adjetivo (designando a cor) ou como nome de cor apenas ocorrem a partir do século XV (MACHADO 1977; CUNHA 1986; HOUAISS 2001).

É de notar que os nomes para a cor castanha (*marron*, *brun*) que ocorrem em outras línguas românicas não se registam no português europeu¹⁰:

| | castelhano | catalão | francês | italiano | romeno |
|--|------------|---------|---------------------------|---------------------|--------|
| <i>marro</i>, -onis (pré-rom.) | marron | marró | marron séc. XVI- XVIII | marrone séc. XIV | maro |
| <i>brunus</i> (germ.) | | | brun séc. XII | bruno | bruno |

O italiano *marrone*, como designação do fruto (do latim medieval *marro*, *marronis*, provavelmente derivado de um radical pré-romano *marr-*, com o significado primitivo de ‘pedra, rochedo’) está atestado desde o século XIV; o francês tomou de empréstimo a forma italiana, que terá entrado pela região de Lyon, primeiro como nome para o fruto, no século XVI e depois, como nome para a cor, no século XVIII. *Brun*, com os sentidos de ‘escuro’ e ‘brilhante’ regista-se no francês desde o século XII; terá origem num étimo germânico (como o alemão *braun* e o inglês *brown*) introduzido na România, provavelmente pelos mercenários germânicos, que usariam este termo para designar a cor dos cabelos; latinizado em *brunus*, está atestado desde o século VIII¹¹.

⁸ O latim *viridis* teria grande expansão, já que está na origem das formas do português, castelhano, catalão, provençal, francês e romeno.

⁹ *Morado* (ou *amorado*, do latim vulgar *MORA*) está atestado no português no século XIV; *morar* no XIII (MACHADO 1977; CUNHA 1986; HOUAISS 2001).

¹⁰ *Marrom* é usado no português do Brasil, onde entrou através do francês (HOUAISS 2001).

¹¹ *Le Trésor de la Langue Française Informatisé*, s. vs. *marron*, *brun*.

Portanto, pode desenhar-se o seguinte percurso: o empréstimo italiano *marrone* vem tomar, no francês, o lugar de *brun* e viaja do francês para a Península Ibérica, não chegando, no entanto, ao português. A forma germânica ou latinizada mais antiga (*brunus*), em contrapartida, está atestada no português: *bronido*, no século XIII¹², e *bruu* no XIV (MACHADO 1977; CUNHA 1986; HOUAISS 2001). Podemos crer na existência de uma forma autóctone, com origem em *brunus* e com a síncope de *-n-* intervocálico, característica do galego-português, de que resulta *brum*. Já *brunir*, por outro lado, com conservação de *-n-*, poderia ser um empréstimo. Quer estas formas sejam, no português, germanismos latinizados, quer sejam empréstimos do francês ou do italiano, quer tenham histórias distintas, certo é que não se fixaram como designação para a cor. Se *brunir* se conserva no português atual, é com o sentido de ‘tornar brilhante, puxar o lustro’; também *bruno* não preencheu o espaço para a cor da castanha que foi, durante muito tempo, ocupado por designações variadas, como *verde* ou *morado*.

Quanto a *castanho*, só se regista a partir do século XV. É possível que a necessidade de uma designação específica para esta cor não se fizesse sentir devido à existência de um vocábulo genérico, e bastante antigo, que significava ‘escuro’ e que é a forma *pardo* (“uno poldro colore pardo”, século XII¹³). *Pardo* foi uma forma bastante frequente nos séculos XV-XVI¹⁴ e terá sido sinónimo de *castanho*, *cinzento* ou qualquer tonalidade escura e, por isso mesmo, tomou a aceção de ‘moreno’ e, também, de ‘mestiço, mulato’. Embora o adjetivo *castanho* se registre no século XVI, a sua frequência é bastante menos elevada do que a de *pardo* (o *Corpus do Português* regista 6 atestações de *castanho* frente a cerca de 40 de *pardo*).

Na obra de Gil Vicente encontramos uma atestação de *castanho*, para a cor da barba e várias de *pardo*, referindo-se a um tipo de tecido ou ao tom da pele (basta lembrar o *Pranto de Maria Parda*)¹⁵:

a barba castanha escura (*Frágua de Amor*);
parda mujer (*Frágua de Amor*);
 burel de pardo (*Auto da Feira*).

É provável que *pardo* se tenha especializado, nesta altura, como sinónimo de ‘mestiço’ (designando o tom da pele ou um tipo de tecido)¹⁶, deixando espaço para *castanho* enquanto nome de cor.

Abriu-se, também, espaço para o *cinzento*, que não era registado pelo dicionário de Cardoso em 1570, nem em Barbosa (*Dictionarium lusitanico latinum*, 1611), que refere uma *cor de cinza* mas não o *cinzento*¹⁷:

Cinza. Cinis, cineris, Cousa de cinza, ou de cor de cinza. Cineraceus, ea, eum, adiectivum. Cineraceus color

Bento Pereira, uns anos depois (*Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum*, 1697), já regista *cinzento*:

¹² Corominas (1990⁵) regista *bruñir* em 1250.

¹³ Exemplo retirado do *Dicionário de dicionários do galego medieval - Corpus lexicográfico medieval da língua galega*.

¹⁴ *Pardo* designava também o leopardo. Segundo Corominas (1990⁵, s. v. *pardo*), a forma *leopardus* terá sido entendida como *leo-pardus*, deduzindo-se, daí, que *pardus* seria um adjetivo referente às manchas de cor escura que distinguem o leopardo do leão. Estendeu-se, assim, o uso de *pardo* ao cavalo e a outros animais e, finalmente, a qualquer objeto. Para esta criação pode ter contribuído, ainda, a forma *pardal* (do grego *párdalos*), outro animal de tonalidade ‘parda’.

¹⁵ Exemplos retirados de *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI*.

¹⁶ Regista-se também *pardilho*, ‘tecido de lã’, nos séculos XV-XVI (HOUAISS 2001, s. v. *pardo*).

¹⁷ Pesquisa no *Corpus Lexicográfico do Português*.

Spodiaceum, Collyrio cinzento, de cor de cinza; Tephrias, ae, m. g. Marmore cinzento de cor de cinza

No século seguinte no *Vocabulário* de Bluteau¹⁸, já encontramos 18 ocorrências de *cinzento* e 10 de *castanho*.

Em conclusão: talvez não se sentisse, durante bastante tempo, a real necessidade de uma designação específica para os tons da natureza, a ferrugem, as ervas secas, mas o desenvolvimento da prosa ensaística, o aprofundamento da reflexão metalinguística, a elaboração linguística e literária do português clássico promoveram um desejo de clareza que pode ter determinado a criação de nomes específicos para cada cor.

Referências

- BLUTEAU 1712-1728 = Rafael Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, disponível em *Corpus Lexicográfico do Português* (Universidade de Aveiro e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), <<http://clp.dlc.ua.pt/Corpus.aspx>> e em Biblioteca Nacional Digital, <<http://purl.pt/13969>>.
- BLOCH e WARTBURG 1950 = Oscar Bloch e W. von Wartburg, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Française*, Paris, Presses Universitaires de France, 1950.
- CAMÕES 2010 = José Camões, Helena R. Silva, Isabel Pinto, Lurdes Patrício, Filipa Freitas, Inês Morais e José Pedro Sousa (org.s), *Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVI*, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro, <<http://www.cet-e-quinheiros.com>>.
- CASTRO 2005 = Ivo Castro, *Notas sobre a língua do 'Livro de como se fazem as cores'*, in Luís Afonso (ed.), *The Materials of the Image. As Matérias da Imagem*, Lisboa, IHA, 2010, pp. 87-96.
- COROMINAS 1990⁵ = Joan Corominas, *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Gredos, 1990 (1.ª ed.1973).
- GONZÁLEZ SEOANE 2006-2012 = Ernesto González Seoane (coord.), María Álvarez de la Granja e Ana Isabel Boullón Agrelo, *Dicionário de dicionários do galego medieval- Corpus lexicográfico medieval da língua galega*, Instituto da Língua Galega, 2006-2012, <<http://sli.uvigo.es/DDGM>>.
- DAVIES e FERREIRA = Mark Davies e Michael Ferreira (org.s), *Corpus do Português*, <<http://www.corpusdoportugues.org>>.
- CUNHA 1986²= Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 (1.ª ed. 1982).
- HOUAISS 2001 = Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Objectiva, 2001.
- Le Trésor de la Langue Française Informatisé*, <<http://atilf.atilf.fr/>>.
- MACHADO 1977³ = José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Horizonte, 1977 (1.ª ed. 1952).
- MORAIS SILVA, Antonio, 1789. *Dicionário da Língua Portuguesa*. <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/2>>.
- NUNES 1615 = Filipe Nunes, *Arte da Pintura, Symmetria e Perspectiva*, 1615.
- PICHEL 2013 = Ricardo Pichel, *A Historia Troiana (BMP ms.558). Edición e estudo histórico-filolóxico*, Tomo II, Santiago de Compostela, USC-Departamento de Filoloxía Galega, 2013.
- STROLOVITCH 2005 = Devon L. Strolovitch, *Old Portuguese in Hebrew script: convention, contact, and convivência*, Ph.D. dissertation, Cornell University, 2005.

¹⁸ Em Bluteau encontramos também *gris*: “he tomado do Francez Gris, que he huma cor entre branco, e negro. Os Tintureiros de França dão a esta cor vários graos, e chamaõ Gris a huma cor cinzenta”. *Gris* regista-se nas *Cantigas de Santa Maria* (“nem ar vestiria pano de seda nen pena de gris”) e no *Livro de Marco Paulo* (“pedras preciosas. Feytas aa maneyra de contas de coor gris e vermelhos”); “E antre estas duas columnas esta hua abobada de marmore de coor gris”). *Gris* designava uma cor acinzentada ou um tipo de tecido de lã pardo (HOUAISS 2001).